

UMA POLÍTICA ESTETIZADA:

Sobre o uso da inteligência artificial no bolsonarismo

Juliana Antunes¹

*“Novos lotes de robôs autônomos que precisam apenas de um
sinônimo*

*Para montar um coral eletrônico
Que fica repetindo que a obsolescência
Don't stop, don't stop...”*

(Excerto da canção “Print”, do rapper Edgar)

Resumo

Em 2024, foram convocadas pelos núcleos bolsonaristas, manifestações em prol da libertação dos presos do 08 de Janeiro. Na divulgação dos atos, o uso de imagens que retratavam uma multidão de verde e amarelo nas ruas, guiadas por anjos. Já em 2025, circulava um vídeo curto onde era retratado um homem na praia de Copacabana, construindo uma grande escultura de areia do ex-presidente Jair Bolsonaro. Outro conteúdo que circulava em 2025, por fim, se tratava de uma série de vídeos de convocatória de caminhoneiros, entregadores e profissionais do agronegócio a uma grande paralisação em defesa do ex-presidente Bolsonaro. O que todos os conteúdos guardam em comum? Todos eles foram produzidos e veiculados a partir de técnicas da inteligência artificial. Tendo como elemento norteador, dentre outros recursos teóricos, o ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin, onde o autor descreve que “[...] a técnica da reprodução liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição [...] e esse abalo da tradição é o reverso da atual crise e renovação da humanidade. Relaciona-se intimamente com os movimentos de massas dos nossos dias.” (Benjamin, 2021, p.15), o objetivo do presente trabalho consiste em tecer uma reflexão acerca do uso de técnicas da inteligência artificial no âmbito da extrema-direita bolsonarista. Evidencia-se, assim, a dimensão da geração de conteúdos e seus objetivos, além das suas formas de circulação nas plataformas digitais.

¹ Mestre e Doutoranda em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ). Bacharela em Ciências Sociais (FCS/UFG). Bolsista CAPES.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: Estética; Inteligência Artificial; Política; Bolsonarismo; Extrema-direita

Introdução

O presente trabalho se apresenta, primeiramente, enquanto um processo em curso. Justamente por portar-se, não como conclusivo, mas enquanto fruto de inquietações múltiplas em trâmite, ainda carece de um aspecto conclusivo. Isto posto, as páginas que aqui se seguem são o plano exordial de uma investigação em curso, correspondente à minha tese de doutoramento.

Sou norteada, na investigação que se segue, por uma inquietação em relação à centralidade da estética no movimento bolsonarista. Mais do que isso, aqui temos como ponto de evidência o emprego de recursos tecnológicos para a geração das artes e ícones que dão fulgor ao movimento político supracitado. Conforme esclarecido no título, ademais, o recurso tecnológico ao qual lanço meu olhar é correspondente à inteligência artificial, a qual divido aqui em duas: inteligência artificial generativa, voltada à produção de conteúdos, e o algoritmo, voltado à circulação dos conteúdos

Parto aqui do caso de três imagens, veiculadas em redes sociais diferentes no ano de 2021. Analiso a dimensão simbólica de tais, mas me atendo, mais, à agência maquínica presente em suas criações e disseminações. Minha aposta, nesse sentido, corresponde à mesma linha conclusiva outrora colocada por Benjamin (2021): o que temos em nossa contemporaneidade é, uma vez mais, a latência de uma *estetização da política*, ainda que sob novas vestes.

REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA E ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA: Retornando aos conceitos

Iniciemos o debate a partir de um retorno à base teórica que o orienta. Estudos voltados à dimensão das tecnologias e seu impacto nos emaranhados que compõem a vida social – da cultura ao trabalho, dos arranjos econômicos às dimensões da política – sempre estiveram na ordem do dia dentro das ciências humanas e sociais. Vários desses trabalhos, muito embora tenham sido traçados um século atrás, ainda são de grande valor e se

apresentam como canônicos. Dentre esses apresenta-se, pois, as diferentes versões de *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, iniciados por Walter Benjamin em 1936 – com última versão publicada em 1955.

A inquietação mobilizadora às linhas que Benjamin lançava em tal período se situavam à possibilidade aberta para uma reprodução massiva das obras de arte, a qual contribuiria para aquilo que o autor chamara enquanto “perda da aura” da obra de arte. Ao que tange à significação da *aura*, essa estaria voltada à tradição, ao *aqui e agora* da obra de arte, mas também à capacidade de percepção e envolvimento que tal objeto artístico dispõe àquele que o produz e àquele que o observa (Benjamin, 2021; 2015; 1994). Assim, diante do processo de reprodutibilidade, o movimento que se tem é o seguinte:

Quem se recolhe diante de uma obra de arte mergulha dentro dela e nela se dissolve, como ocorreu com um pintor chinês, segundo a lenda, ao terminar seu quadro. A massa distraída, pelo contrário, faz a obra de arte mergulhar em si, envolve-a com o ritmo de suas vagas, absolve-a em seu fluxo. (Benjamin, 1994, p.193)

Nesse sentido, vale a pena retornar ao início do ensaio sobre a reprodutibilidade técnica. Conforme frisa Benjamin (2021), a possibilidade de se reproduzir uma obra de arte sempre foi algo no horizonte. A problemática, todavia, que abre alas à defasagem da aura se situa quando esse processo passa a ser mediado pelos recursos técnicos – isto é, passa-se à execução dessa reprodutibilidade com um intermédio maior das engrenagens das máquinas que das mãos humanas, libertando-se o objeto de sua tradição:

[...] a técnica liberta o objeto do domínio da tradição. Na medida em que multiplica a reprodução, substitui a sua existência única pela sua existência em massa. E, na medida em que permite à reprodução vir em qualquer situação ao encontro do receptor, atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos vão abalar violentamente os conteúdos da tradição – e esse abalo da tradição é o reverso da atual crise e renovação da humanidade. (Benjamin, 2021, p.15)

Em contemplação à “libertação do objeto do domínio da tradição”, constrói-se a sua implementação de sentido. O valor de culto dá lugar ao valor de exposição e, concomitantemente, a função social da arte passa a ser ocupada pelas práticas políticas.

Benjamin ilustra essa ruptura ao mencionar, em nota de rodapé, a dimensão performática do político, que passa à posição, com intermédio do aparato técnico, de onde outrora se situava o autor:

[...] com a inovação das aparelhagens de captação que permitem que muitos, sem limite, ouçam e pouco depois vejam os oradores durante os discursos, o modo como o homem político se apresenta diante da aparelhagem de captação passa para o primeiro plano. Esvaziam-se os parlamentos ao mesmo tempo que os teatros. O rádio e o cinema não modificam apenas a função do ator profissional, mas também de igual modo a daqueles que, tal como os governantes, se apresentam perante eles. (Benjamin, 2021, p.30)

Assim, e tendo em vista que a possibilidade de reprodução técnica transforma também a forma como as massas recebem o conteúdo produzido (Benjamin, 2021), o processo que se tem é de uma maior aproximação entre os símbolos lançados nesse processo para com o receptor, levando a uma etapa de identificação. Eis então a abertura à *estetização da política* promovida pelo fascismo: dar às massas a possibilidade de se expressar, mas não de expressar os seus ideais.

ONDE ESTÉTICA, TECNOLOGIA E POLÍTICA SE ENCONTRAM

Parto, no presente trabalho, da reflexão sobre os usos da inteligência artificial, em um fim estético e político a partir do caso do bolsonarismo. Como é de nosso conhecimento, o bolsonarismo se estabelece enquanto um movimento político brasileiro de caracterização fascistizante, que se articula originalmente² em torno da imagem do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. O mesmo, assim como demais movimentos políticos do espectro do fascismo, porta forte dependência do plano estético, como observaram Paxton (2007) e Bernardo (2022b). Essa dependência estética deriva, sobretudo, da necessidade de criação de elos de identificação e massificação dos indivíduos sob a amálgama da movimentação em questão (Paxton, 2007; Benjamin, 2021), doravante à

² Emprego, aqui, o termo *originalmente* posto que, como descrevi ao refletir sobre as violentas manifestações do 08 de Janeiro de 2023, “[...] no que se refere à consolidação da base golpista brasileira, é suficiente afirmar que esta não se esgota na imagem de Jair Bolsonaro (PL). As camadas referentes à extrema-direita brasileira vão além de sua imagem, sendo atreladas a um caráter mais profundo, totalitarista e contrário ao Estado democrático de direito.” (Antunes, 2023, s.p).

construção de um mascaramento das próprias inconsistências teóricas do mesmo – derivadas, sobretudo, da sua posição supraclassista (Bernardo, 2022a;2022b).

Na teoria benjaminiana, como descrito na seção anterior, os recursos tecnológicos de reprodução técnica ocupam uma posição de vigor no alastramento das simbolizações fascistas. À época em que a teoria de Walter Benjamin era escrita, compreendia-se enquanto elemento de máxima representatividade da reprodutibilidade técnica o cinema. Transpassando-se, pois, tal questão ao recorte temporal atual, a partir da chave colocada por Benjamin (2021), que articula aspectos como a quebra da *aura* e a reprodução massiva da obra de arte com extrema restrição à agência humana e predominância da agência maquinica, podemos tomar enquanto elemento representativo da reprodutibilidade técnica em nossa contemporaneidade as plataformas digitais e os recursos nela embutidos, como a própria inteligência artificial – e, especialmente a inteligência artificial generativa e a algoritmização.

Num plano conceitual, depreende-se por inteligência artificial o uso maquinico para a simulação de ações humanas situadas na compreensão, resolução de problemas e criatividade. Nos últimos dois anos, a tarefa de maior destaque executada por tais tecnologias corresponde à sua capacidade generativa, onde se expande a competência da máquina em gerar textos, imagens, vídeos e áudios em resposta aos *prompts* – comandos – lançados pelo usuário. A possibilidade da geração desses conteúdos, por sua vez, advém do *machine learning*, isto é, do treinamento prévio da máquina para a identificação, processamento e relacionamento de grandes volumes de dados.

Para além da agência maquinica representada pela inteligência artificial generativa, presente na criação de conteúdos no espaço digital, temos a dimensão da algoritmização, presente no processo da circulação desse conteúdo. Por algoritmo, depreende-se o conjunto de instruções responsável por guiar a tomada de decisões da inteligência artificial; o algoritmo recebe, no *machine learning* o devido treinamento em dados para executar ações como a categorização de informações. No nosso dia-a-dia – e daqui advém a *algoritmização* – temos a agência dominante dos algoritmos no processamento de dados respectivos ao nosso comportamento, preferências e informações, dando-lhes o poder de agência na seleção, rankeamento e distribuição de conteúdos que nos serão úteis.

Esses processos, entretanto, são despidos de neutralidade. Se em um plano preliminar Adorno e Horkheimer (1985) já estabeleciam uma complementariedade entre *progresso* e *barbárie* a partir da racionalidade instrumental, Herbert Marcuse complementa que

Diante dos elementos totalitários dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” não pode mais ser mantida. Tecnologia como tal não pode ser isolada do uso ao qual é submetida; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e construção das técnicas. (Marcuse, 1973, p.36)

Assim, voltando a uma maior especificidade do contexto em que nos inserimos, uma das grandes problemáticas vigentes nos recursos da inteligência artificial está situada na sua capacidade de produzir representações simbólicas e fictícias da realidade. No interstício dos debates sobre tecnologias e produções do real insere-se, pois, as contribuições de Cesarino (2022), em relação ao funcionamento das novas mídias dentro de um contexto de crise.

Como ressalta Cesarino (2022), de maneira análoga à descrição outrora construída por Sigmund Freud em relação a um mal-estar civilizacional, situado aqui na maneira como as novas mídias, que a autora frisa terem um forte viés político,

[...] introduzem, difundem e capilarizam uma infraestrutura técnica que acelera a temporalidade sociotécnica e assim aprofunda a desestabilização dos sistemas preexistentes. Ao mesmo tempo, vão reestabilizando novas formas de reintermediação que, em larga medida, excluem os indivíduos do controle cognitivo desses processos. (Cesarino, 2022, p.88)

Nesse furacão, não apenas “[...] o usuário humano não é o agente, mas o ambiente para a agência de sistemas não humanos.” (Cesarino, 2022, p.89), como também as forças chamadas pela autora de *antiestruturais*, manifestadas nos discursos do populismo radical e nos conteúdos conspiracionistas passam a ganhar força.

Urge citarmos, ainda, que a extrema-direita bolsonarista detém forte prezar pelos recursos tecnológicos e digitais. Historicamente, pensando em termos do fascismo clássico, os membros de tal movimento – como exemplifica o *futurismo* italiano – possuíam admiração pelos elementos tecnológicos, no sentido de esses serem uma forma

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

de representatividade da desumanização do homem, que passava a se confundir com o a máquina. No caso bolsonarismo, podemos interpretar um teor que vai em tal sentido, exemplificado em casos como a *trend* “Eu sou o robô do Bolsonaro” nas redes sociais durante as eleições presidenciais de 2018, mas também na fala de Rogério Marinho, senador e ex-ministro do governo Bolsonaro, em 2025 durante o 2º Seminário do Partido Liberal: “você aqui são os robôs do Bolsonaro”.

É urge discorrer, ainda, o próprio 2º Seminário do Partido Liberal, citado no parágrafo anterior. O mesmo fora realizado, como relata Sousa (2025), em Maio de 2025 e tinha como foco instruir o público, composto por filiados e apoiadores do partido, a como utilizar a inteligência artificial generativa para produzir vídeos, imagens, textos, inspiração e argumentos em prol dos candidatos do partido nas eleições de 2026. O evento contou não apenas com a participação de figuras como o próprio Jair Bolsonaro – além de diversas imagens e músicas que evocavam a pessoa do ex-presidente – mas também com os próprios representantes da *Meta* e da *Google* – o que evidencia a não-neutralidade das próprias empresas e plataformas.

A FORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES

Egler e Pereira (2024), ao analisarem a produção imagética da extrema-direita nos espaços digitais, elaboram uma leitura a partir da chave psicanalítica dos conceitos de real, simbólico e imaginário em Freud e em Lacan. Na óptica em questão, o pensamento do sujeito é lido por Freud em três registros: o real, o simbólico e o imaginário, indissociáveis entre si. Em Lacan, por sua vez, designa-se a dimensão simbólica sob a representação da linguagem e dos demais recursos de condensação das relações sociais entre os indivíduos, o imaginário como a relação que o indivíduo estabelece com a imagem sobre si e sobre o outro e o real enquanto um elemento diferente da realidade, enquanto um efeito do simbólico – cujo o próprio simbólico não consegue representar. O real, nesse sentido, não se confunde com a realidade, uma vez que ele é uma forma de representação desta última, correspondente ao plano do concreto. Nessa leitura, é possível atribuímos que a geração de uma imagem corresponde ao objetivo de representação do mundo por um determinado grupo social.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Os recursos técnicos vinculados à inteligência artificial generativa têm, aqui, um caráter de forte importância situado na capacidade de se facilitar a criação desses conteúdos imagéticos supracitados, apenas a partir do domínio do pensamento e da execução da linguagem pelo signo verbal no *prompt* dos *chatbots*. Com isso, gera-se uma infinidade de imagens que carregam toda a carga estética e simbólica do movimento bolsonarista, situada em eixos religiosos, nacionalistas e messiânicos encima da imagem do Bolsonaro e dos bolsonaristas (Antunes, 2023bc).

Para o exame do presente trabalho, parto da análise dos materiais imagéticos das Imagens 01, 02 e 03. Ao passo em que a Imagem 01 corresponde a uma forma de representação da realidade pelo grupo, as Imagens 02 e 03, além de expressarem isso, correspondem também a uma deformação dos fatos, posto que foram veiculadas enquanto realidade. Abaixo se encontram as imagens e a legenda com os símbolos presentes em cada uma:

Imagem 01 – Imagem religiosa utilizada na convocatória dos protestos para libertação dos presos do 08 de Janeiro de 2023

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ



Fonte: Estadão (2024)

Aspectos simbólicos da imagem: Elemento religioso, situado na imagem dos anjos; Presença dos aspectos nacionalistas, através das bandeiras do Brasil e das camisetas; Construção do *nós vs eles*, através do atrelamento dos bolsonaristas a uma posição de justos e perseguidos; Reconstituição do mito fascista das boas nações, vinculado à ideia de Errico Corradini de *nação proletária*, através da presença dos elementos que corresponder ao Brasil e a Israel.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Imagem 02 – Fotograma do vídeo “Uma verdadeira obra de arte nas areias de Copacabana!”



Fonte: Dougtvnews (2025)

Aspectos simbólicos da imagem: Construção da figura do grande líder; Apoio e emoção popular entorno da figura do líder; Presença da estética *kitsch* ³.

³ Sobre os elos entre o *Kitsch* e o bolsonarismo: “Pensar na relação entre kitsch e bolsonarismo, em um primeiro momento, pode nos remeter às diversas imagens por vezes caracterizadas enquanto ‘bregas’ veiculadas nos grupos bolsonaristas [...] Entretanto, muito mais que isso, quando lançamos o olhar ao bolsonarismo, os laços com o kitsch se tornam galgados em muitas outras caracterizações. O exagero, o

10ª ReACT

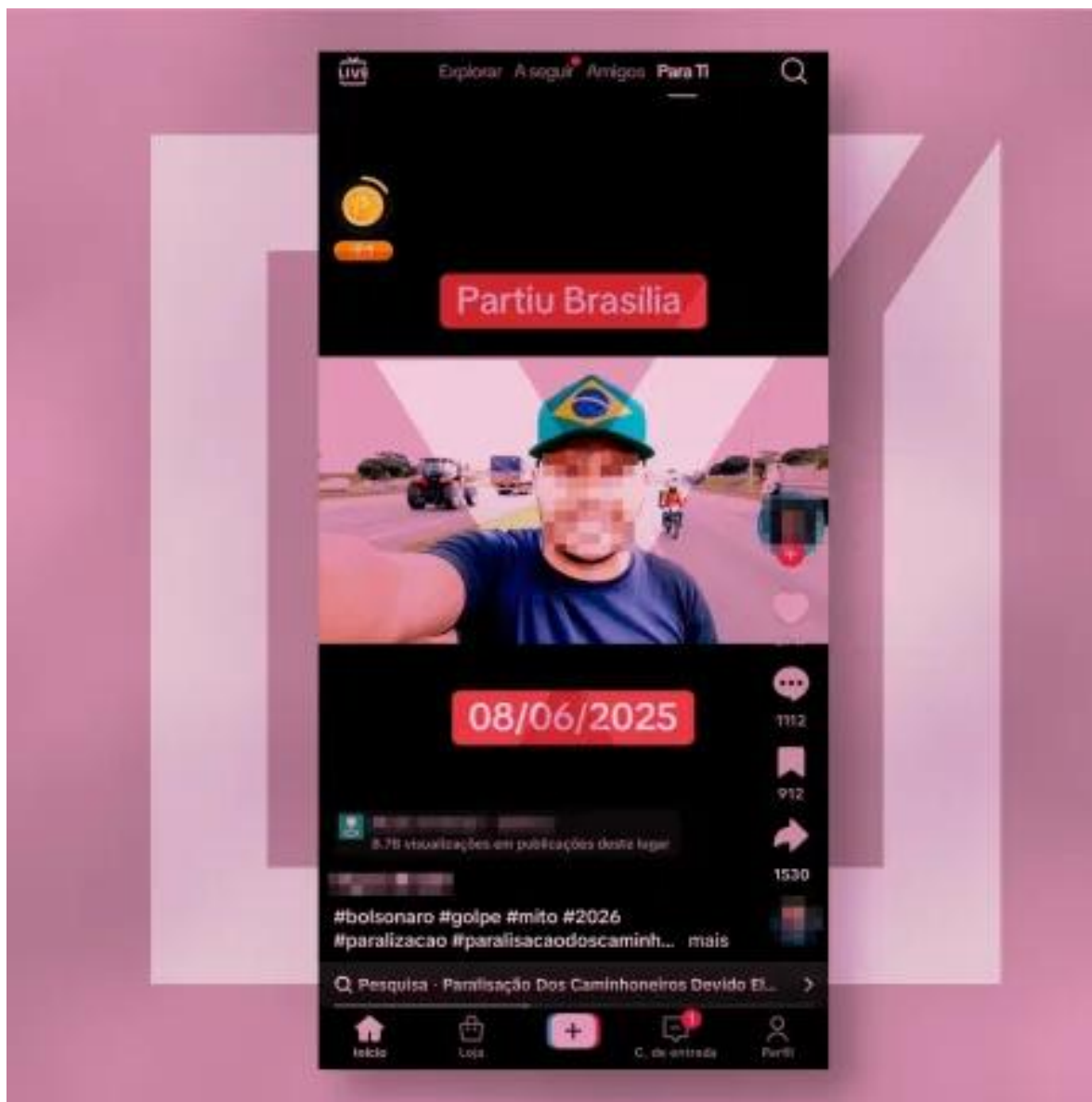
REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Imagem 03 – Suposta convocatória para uma paralisação dos caminhoneiros em 2025



Fonte: Projeto Comprova (2025)

retorno ao passado glorioso, a ideologização de que os membros do grupo estão em contato com as discussões mais altas da política (MIGUEL, 2011) a partir de seu despertar – vide slogans como “O gigante acordou [...]” (Antunes, 2023c).

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Aspectos simbólicos da imagem: Evocação de elementos nacionalistas na escolha do figurino do personagem que protagoniza o vídeo; Clamor a partir da imagem popular, representação populista; Construção da imagem do líder pelo uso das *#bolsonaro* e *#mito*.

As imagens em questão foram veiculadas através do *WhatsApp* e através de plataformas de vídeos curtos, como o *reels* do *Instagram* e o *TikTok*. É interessante chamarmos a atenção, ainda, ao aspecto da presença do *espetáculo*, no sentido atribuído por Guy Debord, na produção desses conteúdos, onde a imagem assume uma posição de materialização da *Weltanschauung*, do conjunto de valores emitidos em uma sociedade baseada na ilusão instituída pelo tecnicismo e pela mediação total das relações sociais por meio das imagens.

A CIRCULAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Objetivo, nesta última seção, uma reflexão acerca da circulação das imagens criadas pela extrema-direita, com ênfase no porquê da algoritmização privilegiar a distribuição de tal tipo de conteúdo. Se retornamos à definição de algoritmo outrora descrita temos que os mesmos correspondem às instruções que guiam o funcionamento da inteligência artificial.

No nosso cotidiano, imerso em uma realidade marcada pela *economia da atenção* – isto é, a transformação do olhar em mercadoria (Bucci, 2021) – um dos principais usos do algoritmo corresponde à sua instrumentalização na disposição de conteúdos correspondentes aos padrões consumidos e interagidos pelo receptor, no intuito de capturar, o mais fortemente, seu olhar e sua agência, fomentando lucratividade às plataformas – e aos publicadores dos vídeos – e mantendo tal ciclo em rotatividade. Em consonância ao colocado por Cesarino (2022), o homem deixa de ser agente e passa a ser palco da agência da máquina.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ademais, como bem destacado por Arão (2024), ainda que as grandes empresas de tecnologia, as *big techs*, não tenham neutralidade política, quando se trata da escalada na disseminação dos conteúdos produzidos pela extrema-direita, o privilégio aos mesmos se dá, não necessariamente sob a ânsia das empresas, mas por um próprio favorecimento estrutural.

Na ânsia de se produzir conteúdos de alta circulação, começa a haver, assim, a predominância de conteúdos demarcados por grandes estímulos visuais ou sonoros e pouca profundidade que fomentam os ciclos de busca por gratificação do cérebro humano. No plano do entretenimento, uma exemplificação desse tipo de conteúdo são os *brainrots* – conteúdos de baixa qualidade, curta duração e muitos estímulos – e os *memes* – conteúdos virais e de humor.

No plano da política, tendem a predominar os conteúdos veiculados pela extrema-direita, marcados pela visualidade exagerada, melodramática que visa justamente atingir os sentimentos do receptor – marca da estética *kitsch* (Antunes, 2023c) – e pela narrativa conspiracionista e sensacionalista. Nesse ínterim, o labirinto nos leva à paráfrase de uma reflexão outrora levantada por Pereira (2021): a problemática aqui não reside na ideia de que *as máquinas estão pensando como pessoas*, mas de que *as pessoas estão pensando como as máquinas*.

É notório, ademais, que o que se tem em voga na circulação dos conteúdos é uma identificação massiva com a forma dos mesmos, sem atingir devidamente o seu conteúdo. O resultado do processo de sobreposição da forma ao conteúdo reside, justamente, na tese benjaminiana da *estetização da política*. A qual desfecho caminharemos adiante?

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1985.

ANTUNES, Juliana. Da dimensão simbólica do 08 de Janeiro. 11 Jan. 2023a. **Passa Palavra**. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2023/01/147052/>> Acesso em 03 Out. 2025.

ANTUNES, Juliana. Em busca de uma estética não-bolsonarista, **A Terra é Redonda**, 13 Fev. 2023b. Disponível em: < <https://aterraeredonda.com.br/em-busca-de-uma-estetica-nao-bolsonarista/>> Acesso em 02 Out. 2025.

ANTUNES, Juliana. Quando a política se torna estética: o *kitsch* nas manifestações políticas bolsonaristas, **XIV Reunião de Antropologia do Mercosul**, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2023c.

ARÃO, Cristian. A Caixa de Pandora do neofascismo: por que as redes sociais privilegiam a extrema direita? **ANPOF**, 29 Ago. 2024. Disponível em: < <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/a-caixa-de-pandora-do-neofascismo-por-que-as-redes-sociais-privilegiam-a-extrema-direita>> 10 Set. 2025.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica (5ª versão)**. In.: BARRENTO, João (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo: a teia dos fascismos**. [Vol.1]. São Paulo: Hedra. 2022a.

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo: fascismo como arte**. [Vol.5]. São Paulo: Hedra. 2022b.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: UBU, 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOUGTVNEWS. Uma verdadeira obra de arte nas areias de Copacabana! **Instagram**. 17 Mai. 2025. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/DJw3nKetAPK/>> Acesso em 12 Jul. 2025.

EGLER, Tamara Tania Cohen; PEREIRA, Thiago Costa. Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil, **Intercom**, vol.47, 2024.

ESTADÃO. Imagens religiosas de ato bolsonarista feitas por IA são “fantasia autoritária”, diz especialista, **Estadão**. 25 Fev. 2024. Disponível em: < https://www.estadao.com.br/politica/imagens-religiosas-feitas-geradas-inteligencia-artificial-ia-fantasia-autoritaria-antiga-diz-eugenio-bucci-usp-professor-pesquisador-comunicacao-nprp/?srsltid=AfmBOoqdxO9TZoz0FqyL9fmdcYLBZYT7ZncEKsPl4_T-MqJEpHx_mpAc> Acesso em 13 Set. 2025.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional: a ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1973.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra. 2007

PEREIRA, Rafael Damasceno Ramalho. Do neuromorfismo à percepção cultural: uma teoria cultural da máquina, **Revista Novos Rumos Sociológicos**, vol.9, n.15, jan./jul. 2021.

PROJETO COMPROVA. Vídeos com IA tentam convencer sobre falsas paralisações de caminhoneiros. **Uol**. 13 Jun. 2025. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2025/06/13/videos-com-ia-tentam-convencer-sobre-falsas-paralisacoes-de-caminhoneiros.htm>> Acesso em 06 Jul. 2025.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

SOUSA, Sérgio de. Treinamento de guerra: Fiz as oficinas do Google e da Meta no seminário do partido do Bolsonaro. Aqui está o que aprendi, **Intercept Brasil**. 04 Jun. 2025. Disponível em: < <https://www.intercept.com.br/2025/06/04/oficinas-google-meta-partido-bolsonaro/> > Acesso em 13 Set. 2025.